



FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1981.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. MONTEIRO, Ana Maria (et all.). In: **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2007.

IBGE - instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento Geral da República dos Estados Unidos do Brasil em 31 de dezembro de 1890, Comarca de Palmas, Estado do Paraná**. Rio de Janeiro, 1982, 175p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=216866>. Acesso em: 15 out. 2021.

OSSANNA, Edgardo. Una alternativa en la ensinanza de la historia: el enfoque desde lo local, lo regional. **Portal Educativo de las Americas**, 1994. Disponível em: http://www.educoas.org/Portal/bdigital/contenido/interamer/interamer_29/artc4/index.aspx?culture=es&navid=201. Acesso em: 30 out. 2021.

SAMPAIO, Marisa Narcizo. Educação de Jovens e Adultos: uma história de complexidade e tensões. **Práxis Educacional**, v. 5, n 7, UESB: Vitória da Conquista, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Editora Almedina: Coimbra, 2020.

LITERATURA DE CORDEL, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO POPULAR: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

Roberto Ferreira
Ferreirahistoria2020@gmail.com
 SME. Barro – CE

Resumo: Propomos neste artigo, discutir o Ensino de História como prática que dialogue com saberes diversos e com as leituras de mundo dos educandos, explorando particularidades de sua linguagem e enfatizando a literatura de cordel como recurso didático interdisciplinar na construção de um ensino emancipatório, como orienta as concepções e fundamentos da Educação Popular. O cordel possibilita uma forma diferenciada de expor conteúdos e temáticas de uma maneira interativa e prazerosa, sem desviar-se da intencionalidade de promover uma prática docente comprometida com um ensino crítico e reflexivo. A sua linguagem particular e o contato artístico com as narrativas em versos promovem experiências que somam ao desenvolvimento da sensibilidade dos sujeitos. Estas narrativas apresentam-se como uma expressão da vida social e, deste modo, possibilita o contato com outras visões da realidade. Neste sentido, a sua utilização no Ensino de História se constitui como uma possibilidade real de



intervenção. Para efeito de discussão, nos apoiamos principalmente em Freire (2016) dialogando com a educação popular, Bosi (2000) e Goldstein (2000), discutindo aspectos da versificação e da ação do ritmo no poema, e Melo (2010), Pinheiro & Lúcio (2001) e Grillo (2003), para discutir o percurso editorial do cordel e estratégias para a sua utilização na sala de aula.

Palavras-chaves: Educação Popular, literatura de cordel, Ensino de História.

Introdução

A Literatura de Cordel representa uma importante manifestação e expressão da cultura popular. Foi no Nordeste brasileiro seu ponto de partida, do qual se difundiu para outras regiões do país. Apresenta-se como um dos campos de estudos mais promissores, com uma vasta e diversa produção e uma próxima relação com o cotidiano e a vida social.

As narrativas abordam temas dos mais variados, e as transmitem em versos rimados e ritmados, marcados pela cadência do ritmo, pela simetria da regularidade da métrica e pela musicalidade que também facilita na memorização.

No espaço escolar, em diferentes áreas do conhecimento, as experiências de prática docente utilizando a literatura de cordel como recurso didático, têm se mostrado bastantes promissoras diante das suas potencialidades interdisciplinares. Este artigo traz esta discussão tendo como recorte o Ensino de História enquanto prática de ensino que dialogue com outros saberes e com as leituras de mundo dos educandos, na construção de um ensino que emancipe. Para tanto, buscamos nos orientar pelas concepções e fundamentos da Educação Popular, que por sua vez, está constantemente relacionando saberes e culturas dentro e fora dos muros da escola.

Para o estudo aqui proposto, considera-se que educação, cultura e literatura, são deste modo, saberes indissociáveis, fundamentais para a efetivação de uma prática de ensino que almeje em sua finalidade, a construção coletiva da cidadania.

O trabalho com o cordel no ambiente escolar requer que se mobilize saberes que façam compreender suas particularidades linguísticas, sua métrica regular e simétrica, sua musicalidade, e o ritmo marcante. Neste sentido, a presente pesquisa, ao buscar diálogos interdisciplinares, também se fundamenta em estudos da Teoria Literária e da versificação.



Para facilitar a compreensão acerta da estrutura da sua escrita particular, não optamos por transpor para o artigo passagens de cordéis. As estrofes que aqui trazemos foram elaboradas especificamente para este trabalho, pensadas para serem relacionadas com a temática dele.

Literatura de Cordel: Do sertão à sala de aula

Em setembro de 2018, na cidade do Rio de Janeiro - RJ, a literatura de cordel, reconhecida por unanimidade, foi registrada por seu Conselho Consultivo, no Livro das Formas de Expressão como patrimônio imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Esse registro é resultado de todo um conjunto de mobilizações de diversos agentes que a mais de um século vêm promovendo a difusão deste gênero a muito reconhecido pelo povo como uma das mais fortes formas de expressão cultural do Brasil.

Para a pesquisadora Rosilene Alves de Melo, tal registro possui pelo menos três significados:

Do ponto de vista simbólico, representa o reconhecimento pelo Estado de uma prática cultural que já tinha sido reconhecida no Brasil havia mais de um século por diversos grupos: poetas, comunidades de leitores e movimentos intelectuais. Por outro lado, possui um significado político, uma vez que de agora em diante essa forma de expressão e seus agentes adquirem maior possibilidade de ocupar outras posições na gestão das políticas culturais que permitam a salvaguarda do cordel e a democratização do acesso a esse bem pelos cidadãos. Uma terceira dimensão se refere aos desdobramentos da tutela do Estado e os usos dessa arte na formulação de construções identitárias decorrentes de sua patrimonialização. (MELO, 2019, p.246).

Também sendo o Estado o principal responsável pela implementação de políticas educacionais, espera-se que o mesmo leve em conta a dimensão desta decisão e coloque a literatura de cordel em papel de destaque, levando para a escola a sua historicidade e seus ensinamentos.

A literatura de cordel tem desbravado novos e importantes caminhos ao longo de sua história no Brasil. Da voz do cantador para as páginas, das tipografias para as malas



de vendedores, das bagagens dos migrantes e vendedores para outras regiões do país, das feiras livres para o ambiente universitário e deste para o ambiente escolar.

O cordel despertou pessoas para o mundo da leitura, divulgou notícias locais, nacionais e internacionais, pelezas, ABCs, proezas do imaginário, e emocionou pelas estrofes dos romances, incluindo também temáticas com a presença do humor.

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras em aproximação com os que aconteciam em terras portuguesas. Em Portugal, eram vendidos a baixo preço, pendurados em barbantes. (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, p. 13).

A narrativa impressa no formato de livreto ganhou o nome de literatura de cordel em aproximação com os padrões que circulavam na Europa, mas é preciso destacar que o cordel brasileiro apresenta diferenciações das narrativas que circulavam em Portugal. O cordel português “[...] abarca autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em verso ou sob a forma de peça teatral” (ABREU, 1999, p.21).

As narrativas brasileiras, por sua vez, são escritas em versos, com a presença marcante da métrica “regular e simétrica” (GOLDSTEIN, 2000), estruturados em sua maioria em estrofes de seis versos (sextilhas) ou estrofes de sete versos (septilhas), sendo estes versos heptassílabos, também chamados de redondilha maior.

No nordeste brasileiro a literatura de cordel passa a assumir suas características próprias entre o final do século XIX e os anos 20. Deste modo, “[...] definem-se as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização [...]” (TERRA, 1983, p. 40), no mesmo ritmo em que aumentava a produção e comercialização dos cordéis em larga escala.

A cantoria de viola, representada por poetas, verdadeiros malabaristas dos versos e presente nas feiras, vilas, moradias, e nos salões das fazendas, teve um papel fundamental para a consolidação da Literatura de Cordel brasileira.

Segundo Melo (2010, p.57)

A afirmação da cantoria como espetáculo popular, o aparecimento de narradores brasileiros que introduziram novas temáticas ao consagrado repertório europeu e a circulação dos poemas através dos jornais



propiciaram condições favoráveis para a consolidação deste gênero literário.

A difusão foi tão significativa, que fez parte da formação cultural de quem teve através do cordel, as primeiras experiências com o mundo da leitura, contribuindo assim para o que Libâneo (1995) conceitua como educação informal.

Considerando a educação em sentido mais geral, como um fenômeno social universal, esta assume diversas modalidades. A educação informal, segundo este autor, corresponde:

[...] a processos de aquisição de conhecimentos, experiências, ideias, valores, práticas, que não estão ligadas especificamente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes. São situações e experiências por assim dizer, casuais, espontâneas, não organizadas, embora influam na formação humana (LIBÂNEO, p. 17).

Na educação formal, intencional e com objetivos definidos, a literatura de cordel se configura como importante e eficiente recurso a ser inserido nas práticas de ensino em diferentes áreas do saber, mediante suas potencialidades interdisciplinares e sua linguagem acessível e atraente, possibilitando tornar o ensino mais significativo, de modo que este construa uma estreita relação com a realidade dos educandos, considerando seus saberes sociais e suas respectivas leituras de mundo.

Dialogar com a realidade cotidiana dos educandos e considerar seus saberes sociais, é essencial para a construção de uma prática de ensino autônoma e emancipadora, como orienta os fundamentos metodológicos da Educação Popular.

[...] uma educação que pensa na igualdade entre os sujeitos de seu fazer, que valoriza os saberes e culturas populares e propõe um diálogo entre a ciência e o cotidiano, entre o texto e o contexto, que abarca as vivências dos sujeitos. (SILVA & SOUSA, 2017, p.19).

O cordel descreve a realidade social sob outras óticas, diferenciando das narrativas, que os livros didáticos disponibilizam, permitindo enxergar os contextos sociais a partir da lente do poeta. Os folhetos que discorrem sobre os acontecimentos, relatam os eventos que são situados em um dado lugar e em um dado período específico, têm suas narrativas transformadas, tornando-se memória e documento histórico.



O Gênero Discursivo cordel: rima, métrica e ritmo

A literatura de cordel carrega em suas particularidades uma demasiada riqueza de recursos - musicalidade, rimas, aliterações, antíteses, assonâncias- recursos sonoros e semânticos, que contribuem para tornar este gênero literário tão receptivo.

Por ser um gênero impresso em folheto, com narrativas em versos, com uma métrica característica, regular e simétrica, a sua escrita obedece a particularidades. Tais aspectos fazem parte dos fatores que determinam o cordel enquanto “gêneros do discurso”. (BAKHITIN, 2016). Gêneros do discurso são elementos essenciais para o processo de formação de textos, pois são responsáveis pelas formas que estes assumem. Deste modo, qualquer manifestação verbal inevitavelmente é organizada em algum gênero do discurso existente dentro das diferentes esferas da comunicação humana, definindo assim, as formas-padrão de organização dos enunciados.

Entre os tipos de estrofes, a mais utilizada é a sextilha, sendo esta, uma estrofe que possui seis versos contendo sete sílabas poéticas, também denominadas redondilha maior. A sextilha também é muito usual por poetas repentistas, principalmente no início das cantorias de viola. No dicionário brasileiro de Literatura de Cordel, a sextilha é definida como:

Modalidade mais indicada para os longos poemas romanceados. É uma das modalidades mais ricas, obrigatória no início de qualquer combate poético, nas longas narrativas e nos folhetos de época. Também muito usada nas sátiras políticas e sociais. [...] (Silva, 2013, p, 120).

Para facilitar a compreensão acerca da estrutura das sextilhas, vejamos duas estrofes compostas nesta modalidade. Elas foram construídas em um caráter explicativo especificamente para o desenvolvimento deste trabalho e apresenta algumas considerações importantes em relação às práticas e fundamentos da Educação Popular, temática norteadora deste artigo.

Aprender constantemente
Com os saberes sociais
Que cada um traz de si
E que são essenciais
No mundo que todos somos



Fazedores culturais

Pensando na igualdade
 E os sujeitos do fazer
 Pois o saber popular
 Não é um menor saber
 E a escola com o povo
 Tem muito que aprender
 (estrofes do autor)

Observe que a presença da rima é fator decisivo, sendo, portanto, um dos aspectos mais marcantes na escrita da literatura de cordel e juntamente com ritmo, responsável pela musicalidade. Nas sextilhas, temos as rimas nos finais dos versos pares, enquanto os não pares apresentam a ausência de rimas. Vejamos novamente os versos com as rimas em destaque:

Com os saberes **sociais** (2º verso)
 E que são **essenciais** (4º verso)
 Fazedores **culturais** (6º verso)

E os sujeitos do **fazer** (2º verso)
 Não é um menor **saber** (4º verso)
 Tem muito que **aprender** (6º verso)

Como já dito, a presença do verso regular é fator decisivo na demarcação do ritmo que em conjunto com as rimas demarcam a musicalidade da poesia de cordel. Para entender melhor esta junção, um recurso viável é executar a escansão dos versos, dividindo-os em sílabas poéticas. A escansão difere da separação de sílabas gramaticais, uma vez que está específica, não toma a palavra como unidade, mas sim o verso como um todo, pois o que se é contabilizado são os impulsos de voz utilizados para proferir o verso até a última sílaba tônica.

Deste modo, escandindo esta estrofe, temos:

Pen / san / do / na / i / gual / da / (de)
 E os / su / jei / tos / do / fa / zer
 Pois / o / sa / ber / po / pu / lar
 Não / é / um / me / nor / sa / ber
 E a / es / co / la / com o / po / vo



Tem / mui/ to / que a/ pren / der

Na escansão dos versos, temos como regra básica, o fato de se contabilizar as sílabas somente até a última tônica de cada verso. Considerando o verso como unidade, destacando os impulsos de voz, se junta na mesma sílaba, os encontros de vogais ou sons de vogais, quando se tem a incidência da correlação de uma vogal tônica (forte), e uma átona (fraca), num processo chamado elisão, como podemos constatar no segundo, quinto e sexto versos desta estrofe.

E os / su / jei / tos / do / fa / zer
 E a / es / co / la / com o/ po / vo
 Tem / mui/ to / o que a/ pren / der

Muitos autores ao construírem suas narrativas, optam por acrescentar um verso a mais às sextilhas, construindo assim, uma septilha, também conhecida popularmente como estrofes de sete pés. Vejamos um exemplo.

É possível e preciso
 Um ensino renovado
 Construir perspectivas
 De um saber dialogado
 A educação popular
 É a ponte pra atravessar
 E chegar do outro lado
 (estrofes do autor).

O primeiro, o quarto e o sétimo versos são os que rimam entre si, além do quinto e do sexto versos. O primeiro e o terceiro são ausentes de rimas. O verso a mais na estrofe, além de acrescentar mais conteúdo à narrativa, altera também o efeito musical quando modifica a alternância das rimas. Cabe ressaltar que estes tipos de estrofes não são as únicas empregadas em folhetos de cordel, apesar de serem as mais conhecidas e utilizadas, do cordel mais clássico ao contemporâneo.

No contato com a poesia de cordel, independentemente de ser pela prática da leitura ou pela escuta, percebe-se facilmente sua musicalidade, seus elementos sonoros e o ritmo marcante no poema. É a alternância que constrói naturalmente o ritmo.



A percepção do ritmo perpassa o texto oral e o escrito, sendo presente também nas atividades cognitivas, na ação de pensar, como considera Alfredo Bosi (2000, p. 104), ao afirmar que:

Qualquer discurso por livre que seja faz-se mediante alternâncias; o puro pensamento assume com espantosa liberdade o modelo sintático da frase, mas enquanto atuação sonora, o pensamento acaba se dobrando a potencialidade natural do ritmo.

Desta forma, o ritmo termina por apresentar uma potencialidade natural e cotidiana do ser humano. O ritmo está presente em cada época, está no trabalho, nas atividades exercidas no dia a dia, e até mesmo nas nossas funções biológicas, no caminhar, na respiração, na frequência cardíaca, por exemplo, podemos perceber sua alternância e suas variações. O ritmo também está presente e se destaca nas produções artísticas, e de uma maneira especial, na poesia. O leitor de cordel, assim como também o ouvinte, no contato com as narrativas percebe esse lado sonoro e musical

Como coloca Norma Goldstein (2000, p.07):

O ritmo aparece também na produção artística do homem. De um modo especial, na poesia. Como o ritmo faz parte da vida de qualquer pessoa, sua presença no tecido do poema pode ser facilmente percebida por um leitor atento, que é, ao mesmo tempo, um ouvinte. A poesia tem um caráter de oralidade muito importante: ela é feita para ser falada, recitada. Mesmo que estejamos lendo um poema silenciosamente, perceberemos seu lado musical, sonoro, pois nossa audição capta a articulação (modo de pronunciar) das palavras do texto.

O poeta tem ao seu dispor uma variedade de recursos particulares à linguagem poética, podendo também optar por variações de tipos de estrofes, cada estilo com sua configuração métrica e como consequência, uma riquíssima variação de ritmos, diversificando e aumentando a interação entre o poeta e seu público. Além disso, as particularidades da linguagem do cordel também são eficientes no espaço escolar ao explorar estes recursos demasiadamente importantes, sobretudo no que trazem para a escola, elementos da nossa língua que são presentes nas cotidianidades dos sujeitos envolvidos.



Literatura de cordel, Educação Popular e Ensino de História: buscando diálogos e possibilidades

Acreditamos numa educação emancipatória que possibilite romper com a concepção de educação bancária, em que “[...] o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios, aos que julgam nada saber” (FREIRE, 2016, p.105). A crítica à educação bancária, que Paulo Freire nos traz em *Pedagogia do Oprimido*, torna-se cada vez mais necessária, uma vez que a educação bancária é o oposto da concepção problematizadora da educação proposta por Freire. Sendo assim, a educação bancária não é uma educação que emancipe os sujeitos e não contribui para a politização a partir de suas percepções de estar no mundo. Neste sentido, repensar a educação e refletir sobre nossas práticas e concepções torna-se urgente.

A Educação Popular está constantemente relacionando saberes e culturas, dentro e fora dos muros da escola. No ambiente escolar, ela pode contribuir para a construção de diálogos entre os diversos saberes e práticas pedagógicas que estão presentes na escola diariamente, constituindo uma prática docente que considere as cotidianidades dos educandos.

A instituição escolar deve ser compreendida como um espaço de múltiplas interações entre sujeitos distintos que não param de construir novas sociabilidades, pois mesmo sofrendo a influência de uma cultura existente, também são agentes transformadores das suas realidades e da sua cultura. Dinâmica e coletiva, a cultura está [...] “nos gestos e nos feitos com que nós criamos a nós próprios” [...] (BRANDÃO, 2001, p. 180).

A cultura popular que emana da literatura de cordel contém e está contida na Educação Popular, e, portanto, faz parte desta. Faz parte de um saber conduzido por um fazer, significativo a realidade de um povo. Assim, no Ensino de História, o cordel pode ser utilizado como meio de interação entre saberes distintos, vivenciado individual e coletivamente, assumindo uma relação dialógica, recíproca, marcada pela troca de saberes.

Aponta Maria Grillo, que “inúmeros são os eventos do século XX contidos nos folhetos que relatam o cotidiano da nossa História e nos quais são dadas representações



diversas das contidas nos livros didáticos” (GRILLO, 2006, p. 83). Em sala de aula, o folheto de cordel deve ser inserido a partir de um conteúdo programático, o que obriga que este tenha relação com o conteúdo escolar, de modo que, a partir da narrativa do folheto, professor e educando possam ter acesso a outras visões dos fatos e eventos, sendo, portanto, uma possibilidade extra para a compreensão do tema estudado.

Pinheiro & Lúcio (2001), entre as narrativas que mencionam, destacam os folhetos que abordam personagens históricos, os que abordam temáticas sociais, a nível local, nacional e até global. Destacam-se também, os folhetos de acontecido, os que mais se aproximam do relato jornalísticos, também conhecidos como folhetos circunstanciais.

A produção da Nova História, com o advento da terceira Escola dos *Annales*, e a “nova virada da História Cultural” (BURKE, 2005) ampliou a possibilidade de pensar o campo do saber, que empenhou diversos historiadores(as) na investigação de novas fontes historiográficas, garantindo à literatura, espaço de objeto de estudo acadêmico, e utilização desse componente textual na disciplina escolar.

A obra literária não é pretendida a querer explicar o real e nem intenciona a comprovação de fatos. No entanto, o texto literário traz a possibilidade de confrontar-se com as representações do mundo, vivenciado ou idealizado. Por sua vez, o leitor adentra na tentativa de apreender esse mundo, produzindo deste modo, a sua imagem particular do representado. Neste sentido, a obra literária se configura como uma espécie de transfiguração deste real.

Como nos diz Pesavento (2006, p.03):

Literatura e História são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam. [...] A literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas.

Renovar os caminhos do Ensino de História é essencial para se construir uma educação emancipadora, que rompa com a tradição curricular de privilegiar os grandes heróis, grandes feitos e relações diplomáticas, aos moldes tradicionais e ainda com marcas positivistas. Torna-se necessário, portanto, como nos diz Sharpe (1992), uma abertura



para a *história vista de baixo*, destacando os papéis de outros sujeitos sociais postos por sua vez, à margem da História oficial.

Estes outros sujeitos são sujeitos coletivos, na busca por seus direitos coletivos, como define (Arroyo 2012). Sujeitos que exigem outras pedagogias, pedagogias da diversidade, pensada não somente para, mas sim com estes outros sujeitos.

Neste contexto, alicerçar o Ensino de História nas concepções e fundamentos da Educação Popular possibilita a um ensino significativo e problematizante, especialmente no tocante a leitura do contexto, antes da leitura do texto e no diálogo entre saberes, neste caso o saber científico, escolar e o saber popular, tendo a literatura de cordel como recurso didático.

Considerações finais

Cordel é pouco papel, na maioria das vezes papel barato, padrões gráficos simples pelo formato de folhetos, e uma linguagem de fácil compreensão. Surpreende como um livreto, com tanta simplicidade é demasiadamente rico de possibilidades de se adquirir e produzir novos conhecimentos dentro e fora da escola. Seus variados enredos, seus recursos poéticos, a oralidade que se faz viva e presente, tudo isto se constituem em recursos eficazes.

Por assumir um caráter popular, pode trazer para o ambiente escolar um novo olhar que por sua vez irá construir outros conhecimentos que considerem diferentes leituras de mundo de diferentes sujeitos, de uma maneira interativa e prazerosa, sem desviar-se da intencionalidade de promover uma prática docente comprometida com um ensino crítico e reflexivo.

O cordel registra a História pela lente sensível do poeta, que por sua vez também deixa no poema, recortes de sua visão de mundo, sua subjetividade. Suas narrativas apresentam um grande e variado repertório de possibilidades, levando para a sala de aula outras visões dos fatos e eventos, fazendo também com que se perceba que outros atores sociais foram postos, por sua vez, à margem da História oficial.



Por assumir um caráter popular, pode trazer para o ambiente escolar um novo olhar que por sua vez irá construir outros conhecimentos que considerem diferentes leituras de mundo de diferentes sujeitos, de uma maneira interativa e prazerosa, sem desviar-se da intencionalidade de promover uma prática docente comprometida com um ensino crítico e reflexivo.

É por este motivo, que aqui propomos trazer esta perspectiva, pensando a literatura de cordel como recurso didático no Ensino de História, buscando relacionar a utilização deste gênero com as concepções e fundamentos da Educação Popular. Tal procedimento representa uma forma de trabalhar a linguagem em consonância com o seu respectivo grupo cultural, levando o lúdico para a sala de aula, promovendo experiências que somam ao desenvolvimento da sensibilidade dos sujeitos ao mesmo tempo em que instiga a possibilidade de romper com uma rotina escolar cristalizada em práticas repetitivas.

Abordagens metodológicas desta natureza constroem um espaço aberto ao diálogo, ao compartilhamento de vivências, valorizando a experiência prática associada à teoria, sem aferir importância maior ou menor a nenhuma, mas sim estabelecendo uma relação dialógica, valorizando e respeitando a altivez do educando, de modo a evitar que fiquem em condições de passividade.

Referências

ABREU, M. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2012.

BAKHITIN, M. M. **Os Gêneros do Discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo, Editora 34, 2016.

BOSI, A. **O Ser e o Tempo na Poesia**. São Paulo: companhia das letras, 2000.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BRANDÃO, C. R. O Conhecimento, a Cultura e a Educação: algumas anotações em tempos de novo milênio. In: **Educativa**. Goiânia. v. 4, n. 2, p. 303-332, jul./dez. 2001.



FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: paz e terra, 2016.

GOLDSTEIN, N. **Versos, Sons e Ritmos**. São Paulo: Ática, 2000.

GRILLO, M. Â. F. A literatura de cordel na sala de aula. In: ABREU, Martha & SOHIET, Rachel (orgs.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 116-26.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O Cordel no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MELO, R. A. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

_____. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil. n. 72, p.245-261, abr. 2019.

PESAVENTO, S. J. **História & Literatura: uma velha-nova história**. História Cultural do Brasil - Dossiê História Cultural do Brasil, 2006. Disponível em: <http://nuevo mundo.revues.org/1560>. Acessado em: 18 de abril de 2016.

SILVA, G. F. **Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2013.

SILVA, S. B.; SOUSA, I. S. **Educação Popular e Ensino de História Local: cruzando conceitos e práticas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

SHARPE, J. A História vista de baixo. In BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

A REFORMULAÇÃO DO ENSINO MÉDIO COMO INSTRUMENTO DE CAPITALIZAÇÃO DO ESTUDANTE

José Ádrio Debray Albuquerque dos Anjos Coêlho - UFCG/CFP
jose.adrio@estudante.ufcg.edu.br

Rubens de Andrade Quirino - UFCG/CFP
rubens.andrade@estudante.ufcg.edu.br

Israel Soares de Sousa - UFCG/CFP
israel.soares@professor.ufcg.edu.br